

Proposta

Análise de documento

A ociosidade é inimiga da alma. Por isso, os irmãos devem estar ocupados a determinadas horas no trabalho manual e de novo a horas fixas na leitura das coisas de Deus. Para isto pensamos que as horas devem ser determinadas como se segue.

Da Páscoa às calendas de outubro, quando saem de manhã à hora prima, que trabalhem tudo o que for necessário até cerca da quarta hora e, desde a quarta até cerca da sexta, que se entreguem à leitura. Depois da sexta hora, tendo deixado a mesa, que descansem nas suas camas em perfeito silêncio; ou se por acaso alguém deseja ler, que leia para si próprio de maneira a não incomodar ninguém.

Que a Nona seja dita de preferência cedo, a meio da oitava hora, e que voltem de novo a fazer o trabalho que tem de ser feito até as Vésperas.

E se, porém, as necessidades do lugar ou a sua pobreza exigirem que façam eles próprios o trabalho da ceifa, que não se sintam descontentes com isso; porque então são verdadeiros monges vivendo pelo trabalho das suas mãos como fizeram nossos Padres e os Apóstolos. Que todas as coisas sejam feitas com moderação, todavia, para salvaguarda dos fracos.

Desde as calendas de outubro até o princípio da Quaresma, que se entreguem à leitura até ao fim da segunda hora. Na segunda hora que seja dita a Terça e então que todos laborem no trabalho que lhes for designado, até a Nona. Ao primeiro sinal da Nona, que todos larguem o seu trabalho e se aprontem para o soar do segundo sinal. Depois da refeição, que se entreguem à leitura ou aos salmos.

Nos dias da Quaresma, desde a manhã até ao fim da terceira hora, entreguem-se à leitura e, daí até ao fim da décima hora, que façam o trabalho que lhes for designado. E nestes dias da Quaresma cada um receberá um livro da biblioteca que será seguido do princípio ao fim. Estes livros devem ser dados no princípio da Quaresma. [...]

Aos irmãos doentes ou fracos será conferida uma tarefa ou ofício de tal natureza que os mantenha longe da ociosidade e ao mesmo tempo não os sobrecarregue ou afaste com trabalho excessivo. A sua fraqueza deve ser tomada em consideração pelo abade.

Proposta de análise

- O texto divide-se em duas grandes partes, que justificam os pressupostos dessa divisão. Estas consistem nas seguintes:
 - Da Páscoa às calendas (o primeiro dia) de outubro
 - Das calendas (o primeiro dia) de outubro até o princípio da quaresma

Trata-se do capítulo 48 da Regra de São Bento (*Regula monachorum*), o qual estipula o exercício do trabalho manual diário.

Como verificado na introdução, a Regra pressupõe a oração e o trabalho como forma de afastar o ócio (sua divisa é *otiositas inimica animae est*). O dia encontra-se, portanto, dividido entre as *horas* dedicadas à oração e aquelas dedicadas ao trabalho. A distribuição destas horas obedece a critérios bastante claros ao longo do ano, uma vez que leva em consideração suas estações e, portanto, os ciclos naturais de plantio e colheita, bem como o aproveitamento dos dias – com seus períodos de claridade – para a realização do trabalho manual diário.

A ociosidade é inimiga da alma. Por isso, os irmãos devem estar ocupados a determinadas horas no trabalho manual e de novo a horas fixas na leitura das coisas de Deus. Para isto pensamos que as horas devem ser determinadas como se segue.

Da Páscoa às calendas de outubro, quando saem de manhã à hora prima, que trabalhem tudo o que for necessário até cerca da quarta hora e, desde a quarta até cerca da sexta, que se entreguem à leitura. Depois da sexta hora, tendo deixado a mesa, que descansem nas suas camas em perfeito silêncio; ou se por acaso alguém deseja ler, que leia para si próprio de maneira a não incomodar ninguém.

Que a Nona seja dita de preferência cedo, a meio da oitava hora, e que voltem de novo a fazer o trabalho que tem de ser feito até as Vésperas.

E se, porém, as necessidades do lugar ou a sua pobreza exigirem que façam eles próprios o trabalho da ceifa, que não se sintam descontentes com isso; porque então são verdadeiros monges vivendo pelo trabalho das suas mãos como fizeram nossos Padres e os Apóstolos. Que todas as coisas sejam feitas com moderação, todavia, para salvaguarda dos fracos.

Desde as calendas de outubro até o princípio da Quaresma, que se entreguem à leitura até ao fim da segunda hora. Na segunda hora que seja dita a Terça e então que todos laborem no trabalho que lhes for designado, até a Nona. Ao primeiro sinal da Nona, que todos larguem o seu trabalho e se aprontem para o soar do segundo sinal. Depois da refeição, que se entreguem à leitura ou aos salmos.

Nos dias da Quaresma, desde a manhã até ao fim da terceira hora, entreguem-se à leitura e, daí até ao fim da décima hora, que façam o trabalho que lhes for designado. E nestes dias da Quaresma cada um receberá um livro da biblioteca que será seguido do princípio ao fim. Estes livros devem ser dados no princípio da Quaresma. [...]

Aos irmãos doentes ou fracos será conferida uma tarefa ou ofício de tal natureza que os mantenha longe da ociosidade e ao mesmo tempo não os sobrecarregue ou afaste com trabalho excessivo. A sua fraqueza deve ser tomada em consideração pelo abade.

Proposta de análise

- Na Europa, a economia agrícola, predominante de uma forma geral, também se tornaria determinante para a existência dos monastérios. Por esta razão, a **necessidade da produção** (relacionada ao campo) seria levada em conta na composição das regras destinadas aos monastérios europeus.
- Esta é a razão para que documentos tais como a Regra de São Bento apresentem minúcias relativas às horas destinadas ao trabalho. Também se afigura importante, neste mesmo sentido, o discurso de valorização do trabalho manual, sobretudo na medida em que ele se relaciona ao plantio, à ceifa e à colheita. Um argumento importante, neste sentido, é a comparação aos apóstolos, em uma convergência entre trabalho e proximidade da vida crística. Ora, sabemos que os apóstolos não se tornaram conhecidos pelo trabalho no campo – a comparação, entretanto, pressupõe um espelhamento que induz à valorização do trabalho manual, que passa a ter peso equivalente à oração.
- Trata-se de uma fonte religiosa cuja análise revela pressupostos econômicos importantes. O capítulo demonstra o princípio da sobrevivência não somente dos monges como também da propriedade na qual o mosteiro se encontra. É imperioso, portanto, manter a **produção e a reprodução** daquele domínio.
- Este podia ser grande ou pequeno, pobre ou opulento, patrimônio ou feudo: a Regra pressupõe uma ampla gama de possibilidades, uma vez que os mosteiros poderiam se encontrar nos mais variados lugares e situações. O importante é notar que **o ocidente latino é uma sociedade agrícola**.

A ociosidade é inimiga da alma. Por isso, os irmãos devem estar ocupados a determinadas horas no trabalho manual e de novo a horas fixas na leitura das coisas de Deus. Para isto pensamos que as horas devem ser determinadas como se segue.

Da Páscoa às calendas de outubro, quando saem de manhã à hora prima, que trabalhem tudo o que for necessário até cerca da quarta hora e, desde a quarta até cerca da sexta, que se entreguem à leitura. Depois da sexta hora, tendo deixado a mesa, que descansem nas suas camas em perfeito silêncio; ou se por acaso alguém deseja ler, que leia para si próprio de maneira a não incomodar ninguém.

Que a Nona seja dita de preferência cedo, a meio da oitava hora, e que voltem de novo a fazer o trabalho que tem de ser feito até as Vésperas. **12h**

E se, porém, as necessidades do lugar ou a sua pobreza exigirem que façam eles próprios o trabalho da ceifa, que não se sintam descontentes com isso; porque então são verdadeiros monges vivendo pelo trabalho das suas mãos como fizeram nossos Padres e os Apóstolos. Que todas as coisas sejam feitas com moderação, todavia, para salvaguarda dos fracos.

Desde as calendas de outubro até o princípio da Quaresma, que se entreguem à leitura até ao fim da segunda hora. Na segunda hora que seja dita a Terça e então que todos laborem no trabalho que lhes for designado, até a Nona. Ao primeiro sinal da Nona, que todos larguem o seu trabalho e se aprontem para o soar do segundo sinal.

Depois da refeição, que se entreguem à leitura ou aos salmos. **7h**

Nos dias da Quaresma, desde a manhã até ao fim da terceira hora, entreguem-se à leitura e, daí até ao fim da décima hora, que façam o trabalho que lhes for designado. E nestes dias da Quaresma cada um receberá um livro da biblioteca que será seguido do princípio ao fim. Estes livros devem ser dados no princípio da Quaresma. [...]

Aos irmãos doentes ou fracos será conferida uma tarefa ou ofício de tal natureza que os mantenha longe da ociosidade e ao mesmo tempo não os sobrecarregue ou afaste com trabalho excessivo. A sua fraqueza deve ser tomada em consideração pelo abade.

Proposta de análise

- Não é sem propósito que a terminologia **hora (ora)**, identificada à oração, assuma rapidamente uma **acepção econômica**. Seu emprego relacionado ao trabalho é o mesmo – não só formalmente mas também em relevância – que o utilizado para as orações dos religiosos.
- O termo *hora/ora* é onipresente no texto, e dá conta, ainda de um princípio de **racionalização do trabalho**. Este pressuposto contraria a tese de que a economia medieval não é racional, ou que padece de uma submissão completa aos desígnios da natureza ou – o que viria a dar no mesmo – de Deus.
- O planejamento que tem em vista a produção e a reprodução das condições de existência daquelas sociedades implica no **aproveitamento dos dias** (a relação luz/sombra) **e dos meses** (a relação verão/inverno). Trata-se da imposição de um domínio humano sobre a natureza.

A ociosidade é inimiga da alma. Por isso, os irmãos devem estar ocupados a determinadas horas no trabalho manual e de novo a horas fixas na leitura das coisas de Deus. Para isto pensamos que as horas devem ser determinadas como se segue.

Da Páscoa às calendas de outubro, quando saem de manhã à hora prima, que trabalhem tudo o que for necessário até cerca da quarta hora e, desde a quarta até cerca da sexta, que se entreguem à leitura. Depois da sexta hora, tendo deixado a mesa, que descansem nas suas camas em perfeito silêncio; ou se por acaso alguém deseja ler, que leia para si próprio de maneira a não incomodar ninguém.

Que a Nona seja dita de preferência cedo, a meio da oitava hora, e que voltem de novo a fazer o trabalho que tem de ser feito até as Vésperas.

E se, porém, as necessidades do lugar ou a sua pobreza exigirem que façam eles próprios o trabalho da ceifa, que não se sintam descontentes com isso; porque então são verdadeiros monges vivendo pelo trabalho das suas mãos como fizeram nossos Padres e os Apóstolos. Que todas as coisas sejam feitas com moderação, todavia, para salvaguarda dos fracos.

Desde as calendas de outubro até o princípio da Quaresma, que se entreguem à leitura até ao fim da segunda hora. Na segunda hora que seja dita a Terça e então que todos laborem no trabalho que lhes for designado, até a Nona. Ao primeiro sinal da Nona, que todos larguem o seu trabalho e se aprontem para o soar do segundo sinal. Depois da refeição, que se entreguem à leitura ou aos salmos.

Nos dias da Quaresma, desde a manhã até ao fim da terceira hora, entreguem-se à leitura e, daí até ao fim da décima hora, que façam o trabalho que lhes for designado. E nestes dias da Quaresma cada um receberá um livro da biblioteca que será seguido do princípio ao fim. Estes livros devem ser dados no princípio da Quaresma. [...]

Aos irmãos doentes ou fracos será conferida uma tarefa ou ofício de tal natureza que os mantenha longe da ociosidade e ao mesmo tempo não os sobrecarregue ou afaste com trabalho excessivo. A sua fraqueza deve ser tomada em consideração pelo abade.

Proposta de análise

- Tendo em vista esses elementos, o texto também apresenta “medidas de pobreza” (ou de riqueza, o que vem a dar no mesmo).

- **Paupertas**

- **Necessitas**

Trata-se de uma terminologia relacional, ou seja, que só pode ser empregada em relação a outras situações.

Neste caso, pobreza e necessidade, termos correlatos no vocabulário econômico medieval, dão conta da baixa produção, com mão-de-obra (livre ou servil) insuficiente, o que levaria os monges a se encarregar do trabalho agrícola.

A ociosidade é inimiga da alma. Por isso, os irmãos devem estar ocupados a determinadas horas no trabalho manual e de novo a horas fixas na leitura das coisas de Deus. Para isto pensamos que as horas devem ser determinadas como se segue.

Da Páscoa às calendas de outubro, quando saem de manhã à hora prima, que trabalhem tudo o que for necessário até cerca da quarta hora e, desde a quarta até cerca da sexta, que se entreguem à leitura. Depois da sexta hora, tendo deixado a mesa, que descansem nas suas camas em perfeito silêncio; ou se por acaso alguém deseja ler, que leia para si próprio de maneira a não incomodar ninguém.

Que a Nona seja dita de preferência cedo, a meio da oitava hora, e que voltem de novo a fazer o trabalho que tem de ser feito até as Vésperas.

E se, porém, as **necessidades** do lugar ou a sua **pobreza** exigirem que façam eles próprios o trabalho da ceifa, que não se sintam descontentes com isso; porque então são verdadeiros monges vivendo pelo trabalho das suas mãos como fizeram nossos Padres e os Apóstolos. Que todas as coisas sejam feitas com moderação, todavia, para salvaguarda dos fracos.

Desde as calendas de outubro até o princípio da Quaresma, que se entreguem à leitura até ao fim da segunda hora. Na segunda hora que seja dita a Terça e então que todos laborem no trabalho que lhes for designado, até a Nona. Ao primeiro sinal da Nona, que todos larguem o seu trabalho e se aprontem para o soar do segundo sinal. Depois da refeição, que se entreguem à leitura ou aos salmos.

Nos dias da Quaresma, desde a manhã até ao fim da terceira hora, entreguem-se à leitura e, daí até ao fim da décima hora, que façam o trabalho que lhes for designado. E nestes dias da Quaresma cada um receberá um livro da biblioteca que será seguido do princípio ao fim. Estes livros devem ser dados no princípio da Quaresma. [...]

Aos irmãos doentes ou fracos será conferida uma tarefa ou ofício de tal natureza que os mantenha longe da ociosidade e ao mesmo tempo não os sobrecarregue ou afaste com trabalho excessivo. A sua fraqueza deve ser tomada em consideração pelo abade.

Proposta de análise

- Por fim, a regra não pretende interditar ou desestimular o ingresso de “fracos e doentes”, os quais se encontram previstos na “política” do trabalho manual (não devem ser sobrecarregados). Neste sentido, costuma-se dizer que a moderação (aludida no texto) é uma tópica da regra de S. Bento.
- Ao mesmo tempo, não se podia deixar de contar com os velhos e doentes, que se avolumavam nos mosteiros. Por essa razão, a recomendação da atribuição de um trabalho que não implicasse em sobrecarga tornava-se tão importante quanto inespecífica: como medir a sobrecarga? Para todos os efeitos, ela permanecia como subordinada a uma **avaliação subjetiva** e, mais importante, mantinha-se a garantia do trabalho **distribuído pela comunidade**.

A ociosidade é inimiga da alma. Por isso, os irmãos devem estar ocupados a determinadas horas no trabalho manual e de novo a horas fixas na leitura das coisas de Deus. Para isto pensamos que as horas devem ser determinadas como se segue.

Da Páscoa às calendas de outubro, quando saem de manhã à hora prima, que trabalhem tudo o que for necessário até cerca da quarta hora e, desde a quarta até cerca da sexta, que se entreguem à leitura. Depois da sexta hora, tendo deixado a mesa, que descansem nas suas camas em perfeito silêncio; ou se por acaso alguém deseja ler, que leia para si próprio de maneira a não incomodar ninguém.

Que a Nona seja dita de preferência cedo, a meio da oitava hora, e que voltem de novo a fazer o trabalho que tem de ser feito até as Vésperas.

E se, porém, as necessidades do lugar ou a sua pobreza exigirem que façam eles próprios o trabalho da ceifa, que não se sintam descontentes com isso; porque então são verdadeiros monges vivendo pelo trabalho das suas mãos como fizeram nossos Padres e os Apóstolos. Que todas as coisas sejam feitas **com moderação**, todavia, **para salvaguarda dos fracos**.

Desde as calendas de outubro até o princípio da Quaresma, que se entreguem à leitura até ao fim da segunda hora. Na segunda hora que seja dita a Terça e então que todos laborem no trabalho que lhes for designado, até a Nona. Ao primeiro sinal da Nona, que todos larguem o seu trabalho e se aprontem para o soar do segundo sinal. Depois da refeição, que se entreguem à leitura ou aos salmos.

Nos dias da Quaresma, desde a manhã até ao fim da terceira hora, entreguem-se à leitura e, daí até ao fim da décima hora, que façam o trabalho que lhes for designado. E nestes dias da Quaresma cada um receberá um livro da biblioteca que será seguido do princípio ao fim. Estes livros devem ser dados no princípio da Quaresma. [...]

Aos irmãos doentes ou fracos será conferida uma tarefa ou ofício de tal natureza que os mantenha longe da ociosidade e ao mesmo tempo **não os sobrecarregue ou afaste com trabalho excessivo**. A sua **fraqueza deve ser tomada em consideração** pelo abade.

Proposta de análise

- O ingresso na ordem também pressupunha um precedente dos religiosos no mundo da produção.
- O ofício era não só valorizado como muitas vezes determinante para o ingresso de um indivíduo. A metalurgia, por exemplo, dados os avanços técnicos que acompanharam o desenvolvimento agrícola na Idade Média, tornou-se cada vez mais imprescindível para a confecção de ferramentas e utensílios.
- É notável que todas as regras na Europa ocidental viriam a reforçar a importância do ofício, na medida em que associados ao trabalho.
- Ao contrário da terminologia *ordo*, cada vez mais predominante na documentação geral do Ocidente europeu, culminando na Idade Média Central, a terminologia *officium*, que só se tornaria comum a partir de meados do século XII (com a valorização do trabalho dos leigos na construção do caminho de Santiago e nas comunas italianas), já comparecia na documentação monástica do século VI – consistindo em um importante marcador econômico.

A ociosidade é inimiga da alma. Por isso, os irmãos devem estar ocupados a determinadas horas no trabalho manual e de novo a horas fixas na leitura das coisas de Deus. Para isto pensamos que as horas devem ser determinadas como se segue.

Da Páscoa às calendas de outubro, quando saem de manhã à hora prima, que trabalhem tudo o que for necessário até cerca da quarta hora e, desde a quarta até cerca da sexta, que se entreguem à leitura. Depois da sexta hora, tendo deixado a mesa, que descansem nas suas camas em perfeito silêncio; ou se por acaso alguém deseja ler, que leia para si próprio de maneira a não incomodar ninguém.

Que a Nona seja dita de preferência cedo, a meio da oitava hora, e que voltem de novo a fazer o trabalho que tem de ser feito até as Vésperas.

E se, porém, as necessidades do lugar ou a sua pobreza exigirem que façam eles próprios o trabalho da ceifa, que não se sintam descontentes com isso; porque então são verdadeiros monges vivendo pelo trabalho das suas mãos como fizeram nossos Padres e os Apóstolos. Que todas as coisas sejam feitas com moderação, todavia, para salvaguarda dos fracos.

Desde as calendas de outubro até o princípio da Quaresma, que se entreguem à leitura até ao fim da segunda hora. Na segunda hora que seja dita a Terça e então que todos laborem no trabalho que lhes for designado, até a Nona. Ao primeiro sinal da Nona, que todos larguem o seu trabalho e se aprontem para o soar do segundo sinal. Depois da refeição, que se entreguem à leitura ou aos salmos.

Nos dias da Quaresma, desde a manhã até ao fim da terceira hora, entreguem-se à leitura e, daí até ao fim da décima hora, que façam o trabalho que lhes for designado. E nestes dias da Quaresma cada um receberá um livro da biblioteca que será seguido do princípio ao fim. Estes livros devem ser dados no princípio da Quaresma. [...]

Aos irmãos doentes ou fracos será conferida uma tarefa ou ofício de tal natureza que os mantenha longe da ociosidade e ao mesmo tempo não os sobrecarregue ou afaste com trabalho excessivo. A sua fraqueza deve ser tomada em consideração pelo abade.